

O simulacro de Creúsa e a destruição de Troia no final do Livro II da *Eneida* de Virgílio

Emmanuela Nogueira Diniz¹

RESUMO: Este artigo pretende mostrar o último augúrio a se manifestar ao herói Eneias, entre os versos 776-789, no final do Livro II da *Eneida* de Virgílio. Creúsa, filha de Príamo - rei de Troia -, esposa de Eneias, indicará ao seu marido não somente a direção que ele deve tomar em exílio por mar; mas, também, anunciará uma esposa real e um reino fértil. Nesses versos o poeta anuncia a destruição de Troia e o destino revelado a Eneias se realiza e se detalha pelos dizeres de Creúsa. O estudo do simulacro é seguido de uma contextualização e de uma versão linear dos versos selecionados.

Palavras-chave: epopeia; augúrio; destino; herói; Virgílio.

Eneias, apesar do fato de Tróia estar sendo destruída pelos Dânaos, ainda não se deu conta de que ele deve fugir com seu pai Anquises, seu filho Iulo e os Penates Troianos, a fim de fundar outro reino nas terras da Hespéria, que representam as terras ocidentais, tomadas genericamente pelo Lácio. Ao contrário, ele insiste em lutar e defender seu povo e sua família. Essa atitude de vingança e luta não lhe é permitida pelos deuses e ele deve compreender por meio de cinco augúrios – o sonho com Heitor, o discurso de Panto, a aparição da sua mãe Vênus, os presságios de Júpiter e o simulacro de Creúsa – que a decisão de Júpiter já fora tomada. Portanto, Eneias deve fugir de Troia, arar o mar num grande exílio e chegar ao sul da Itália a fim de fundar novas muralhas aos Penates Troianos.

O trecho do poema a ser trabalhado nesse ensaio se encontra no final do Livro II da *Eneida* de Virgílio entre os versos 776-789. Porém, antes de mostrar a versão linear² dos dizeres de Creúsa a seu esposo Eneias, é preciso que se faça uma contextualização do

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – manumobil@ig.com.br.

² A versão linear proposta aqui é aquela que busca a linearidade com a língua latina e com o estilo do poeta, embora existam as traduções modernas que não estão erradas, mas pecam pela interpretação literária (literalidade).

simulacro de Creúsa dentro do Livro II da *Eneida*. Além disso, intenta-se mostrar, de modo breve, os quatro augúrios anteriores, pois são fundamentais para a compreensão da narrativa da epopeia em torno dos feitos heróicos, bem como o entendimento do aspecto religioso que está intrínseco nessa obra de Virgílio. O texto estabelecido da *Eneida* para a realização desse estudo é a edição francesa da Belles Lettres, exceto nas versões operacionais ou lineares apresentadas neste artigo.

O Livro II da *Eneida* integra o segmento das *Provações* composto pelos quatro primeiros livros do poema, cuja narrativa se divide em dois grupos: a narrativa do tempo presente – Livros I e IV – e a narrativa do tempo passado – Livros II e III. O primeiro grupo narrativo, em terceira pessoa, marca a entrada e saída de Eneias da Líbia de então, mais precisamente, do reino de Cartago, em construção pela rainha Dido. O segundo grupo narrativo, em primeira pessoa, marca a saída de Eneias de Troia, em destruição pelas tropas argivas, e a atribulada e errante viagem que ele está obrigado a fazer, em busca da nova terra em que deverá fixar-se.

A narrativa do Livro II da *Eneida* se inicia com o herói Eneias atendendo ao pedido da rainha fenícia Dido, para contar a sua história e como ele e sua tripulação chegaram por lá³. Por outro lado, há um forte componente religioso no poema que já se faz presente nas relações oraculares dos Livros II e III, envolvendo o *fas* – o que é permitido pelos deuses – e o *nefas* – o que não é permitido pelos deuses. Portanto, é importante que se esclareça que o herói piedoso, Eneias, deverá realizar suas ações nesse longo exílio dentro *daquilo que é permitido pelos deuses*, ou seja, como os deuses determinaram que fosse seu destino.

1. O sonho com Heitor e o discurso de Panto

Após essa breve contextualização, iniciaremos pela explanação dos quatro augúrios que precedem a visão do fantasma de Creúsa (*ipsius umbra Creusae - v 772*)⁴, a saber, o

³ Essa narrativa de Virgílio, pela boca de Eneias, já foi utilizada na *Odisseia* (Cantos IX – XII), onde ocorre uma narrativa dentro da outra, ou seja, é o personagem principal, Odisseu, quem faz o relato, em meio a um banquete, para uma plateia de uma localidade estranha que o acolheu e que quer conhecer sua trajetória.

⁴ VIRGÍLIO, *En.*, II, 772. Nesse verso, Virgílio usou *infelix simulacrum* em conjunção com *umbra* para descrever que tipo de augúrio o herói Eneias presenciou ao descobrir a morte de sua esposa e o motivo pelo qual ela não pode seguir com ele.

sonho com Heitor, as palavras proféticas do sacerdote de Apolo, Panto, a advertência de sua mãe, a deusa Vênus, e os presságios de Júpiter. Após esse estudo, pretende-se abordar o poema a partir do latim clássico e propor uma interpretação linear do trecho escolhido no Livro II da *Eneida* de Virgílio, mais precisamente o cerne da fala de Creúsa confortando o marido por sua morte e mostrando-o a urgência e necessidade de abandonar Troia. A opção aqui é a de contextualizar os dois primeiros augúrios – o sonho com Heitor e o discurso de Panto – e, em seguida, os outros dois – a aparição da deusa Vênus e os presságios de Júpiter –, concluindo com o cerne do artigo: a tradução operacional dos dizeres divinos na aparição de Creúsa a Eneias.

Nos versos 268-297, Virgílio narra o primeiro augúrio a se manifestar a Eneias que se dá através de um sonho em que o herói crê ver o espírito de Heitor. O filho de Príamo lhe aparece do modo como fora ultrajado por Aquiles, sujo, ensanguentado e ferido, não como o Heitor vitorioso vestido dos despojos de Aquiles ou o que comanda o incêndio às naus dos Dânaos. Imagem semelhante de Heitor se encontra na *Ilíada*⁵ de Homero, quando Aquiles perfura seus pés, amarra-os com correias de couro e arrasta o herói, preso à biga, cobrindo seu rosto com poeira e desgrenhando seus cabelos. Chorando, Eneias lhe dirige várias perguntas, mas Heitor as ignora e lhe diz para fugir: o inimigo conquistou as muralhas de Troia, a cidadela desaba de sua altura e não pode ser defendida por braços mortais. Troia confia a Eneias seus Penates e seus objetos de culto⁶. Eneias deve fugir e, seguindo seu destino, procurar as grandes muralhas, que erguerá, após haver corrido os mares. Heitor confia a Eneias a deusa Vesta, suas fitas e seu fogo eterno, trazidos do fundo do santuário da deusa. Contudo, ao despertar do sono, o herói percebe a invasão e dominação dos Dânaos dentro dos muros de Tróia. Gritos por todos os lados, os palácios de Deífobo e Ucalegão ardendo em chamas, a traição dos Dânaos está descoberta.

Entre os versos 318-338, Panto surge dos gregos e, em meio ao caos da invasão, Eneias e o sacerdote trocam algumas palavras, num rápido discurso que revela a terrível situação em que eles se encontram. A aparição do sacerdote junto aos seus dizeres incute em Eneias o furor da batalha. Esta imagem tanto aponta o conhecimento do sacerdote sobre

⁵ HOMERO, *Il.*, XXII, 396-404.

⁶ Virg., *En.*, II, 293.

a destruição de Troia, pois o mesmo foge com sua família e os objetos de culto, quanto aponta a Eneias, através da imagem de Panto, o seu próprio destino, pois como o sonho com Heitor alertou, ele também deveria partir com os objetos sagrados. Não há dúvidas de que a autoridade de Panto tem origem na postura familiar e especialmente na sacerdotal, o que lhe confere ao seu discurso um valor de vaticínio.

No entanto, apesar da revelação de Heitor e do exemplo de Panto, Eneias vai ao combate: ao formar uma pequena tropa, os guerreiros liderados por Eneias se cobrem com indumentária argiva, e, confundido os inimigos, combatem-nos e fazem perecer inúmeros gregos. Desse modo, trava-se uma sangrenta batalha onde muitos troianos sucumbem. Contudo, é presenciando a morte do rei Príamo, nos próprios altares domésticos, que o pio herói reconhece o perigo por que passa o pai, a esposa e o filho. Quando, então, retorna do palácio de Príamo, em direção a sua casa, ele avista Helena se esconder no templo de Vesta, e, tomado pela fúria, pensa em matá-la e vingar-se, ainda sabendo que tal ato não seria glorioso; pois, o herói acredita ser ela a causa da destruição de Pérgamo.

2. A aparição da deusa Vênus e os presságios de Júpiter

Nessa altura da narrativa, podemos observar, que diante da postura do herói Eneias em seu desejo por vingança contra Helena, a deusa Vênus⁷ aparece-lhe para informar ao filho que a destruição de Troia é a vontade dos deuses e que ele deve procurar sua família e fugir rapidamente. Nas suas palavras, a divina mãe revela que a família do patriarca Anquises já teria sucumbido às espadas ou às chamas se não fosse sua proteção.

A deusa se apresenta nos versos 594-620 de três formas distintas: a primeira como uma representação da própria vontade divina; a segunda, em seu aspecto de mãe, evidenciando o caráter religioso da família e das obrigações que surgem dessa instituição; e, em terceiro, por sua caracterização individual, como deusa, que lhe infere o poder de sedução e persuasão. No que concerne a essas três formas, Virgílio lhe confere uma espécie

⁷ *Virg., En., II, 594-620.* Esses versos correspondem ao discurso da deusa Vênus advertindo o seu filho Eneias que a destruição de Troia é a vontade dos deuses e que ele deve seguir seu destino.

de malicioso poder ou domínio das palavras. É possível, também, perceber essa construção do autor já no Livro I da *Eneida*.

Tendo aos poucos contido o ânimo de Eneias, Vênus adverte o filho a obedecer-lhe, mas assim o faz tanto pela piedade que liga os membros de um mesmo corpo familiar, quanto pela piedade que impõe a submissão dos homens perante a vontade divina. Por outro lado, a aparição de Vênus, estimula Eneias a reconhecer a destruição de Troia, além de reforçar indicando-lhe que não é Helena nem Páris, mas a inclemência dos deuses que derruba Troia do cume – *diuom inclementia sternit a culmine Troiam*. Isto é tão enfatizado pela deusa que o termo *diuom* é usado duas vezes no verso 603, exatamente antes e depois de *inclementia*.

Portanto, é Vênus, por meio dessa advertência, quem apresenta aos olhos do herói os próprios deuses arrasando Troia. Retiram-se as nuvens que cobrem a visão do herói para que ele possa perceber. Assim, Eneias comprova que os deuses estão investindo contra Troia. A deusa com suas palavras impele o herói a procurar seu pai, esposa e filho, a fim de junto com eles ir-se, complementando, dessa forma, o destino apresentado por Heitor e reiterado por Panto. Tendo prometido proteção ao filho, Vênus com suas palavras conduz Eneias a procurara a casa do seu pai.

O propósito da deusa é claramente o de fazer com que Eneias considere os eventos vistos e admita a destruição de Troia, aceitando seu destino, uma vez que essa visão da atuação dos deuses – Netuno, Juno e Palas Atena – é a maior prova de seu discurso. O herói troiano, então, com a promessa de segurança da mãe, parte em busca da casa do pai, avançando por entre as ruínas de Troia, com as setas cedendo-lhe o lugar e as chamas se retirando à sua passagem.

Entre os versos 634-670, o poeta narra a chegada de Eneias à casa de seu pai, Anquises – *pater Anchises* –, e o velho rei se recusa a partir, negando-se a sobreviver à ruína de Troia e ir para o exílio. Temendo por sua casa, sua mulher e seu filho, Eneias dispõe-se a nova luta contra o inimigo. Entretanto, ele é impedido por sua esposa Creúsa que lhe suplica para permanecer onde está e defender sua casa. É justamente durante essa súplica, que se passa o penúltimo augúrio do Livro II: um sinal divino que se manifesta por

meio de chamas na cabeleira e nas têmporas do seu filho Iulo, no momento em que Eneias se cobre com suas armas e decide deixar a casa e lutar contra os Dânaos.

O prodígio na cabeleira de Iulo desperta em Anquises o desvelamento de que aquela chama se trata de um augúrio, cujo sinal o proteger  da morte junto   cidadela. A partir desse acontecimento, Anquises presidirá este momento suplicando, com os braços erguidos em dire o aos astros, a Júpiter a confirma o do presságio.

A confirma o do presságio por Júpiter, narrado nos versos 692-704,   descrita por Virgílio na forma de um ritual arcaico da adivinha o que   acompanhado por sinais. A exemplo disso, temos, conforme a descri o de Tassilo Orpheu (SPALDING, 2004), a divina o como a arte de adivinhar o futuro por meio de sinais exteriores. Essa pretendida arte ou ciência, por sua vez,   assaz antiga e foi praticada por quase todos os povos primitivos. Floresceu na mais remota Antiguidade, entre os egípcios, caldeus, gregos e romanos.

Anquises, em contraposi o ao temor e perturba o de Eneias e Cre sa, reconhece o augúrio na cabeleira do neto Iulo e ele mesmo, que exerce na família a fun o sacerdotal do culto familiar, preside todos os atos ritualísticos necessários para que o augúrio se complete.   o que está evidente nos seguintes versos de Virgílio, dentro do Livro II da *Eneida*:

Nos pavidı trepidare metu, crinemque flagrantem 685
excutere et sanctos restinguere fontibus ignis.

At pater Anchises oculos ad sidera laetus
extulit, et caelo palmas cum voce tetendit:
“Iuppiter omnipotens, precibus si flecteris ullis,
aspice nos; hoc tantum, et, si pietate meremur, 690
da deinde auxilium, pater, atque haec omina firma.”

[Vix ea fatus erat senior, subitoque fragore
intonuit laevum, et de caelo lapsa per umbras
stella facem ducens multa cum luce cucurrit.](#)

Nós, pávidos, tremíamos de medo, sacudíamos o cabelo
Em chamas e extinguíamos as chamas sagradas nas fontes.
Mas, o pai Anquises, feliz, levantou os olhos em direção
Aos astros e estendeu as palmas para o céu dizendo:
“Júpiter onipotente, se tu és comovido por alguma prece, olha-nos
E se somos merecedores por piedade, dá somente este auxílio
Em seguida, pai, e confirma estes presságios”.
O ancião mal declarara estas, e o lado esquerdo trovejou com
Súbito ruído, e uma estrela tendo caído do céu através das sombras,
Correu, conduzindo facho de fogo, com muita luz.⁸

Portanto, Anquises reconhece no trovejar os sons naturais do raio e do trovão, elementos associados ao deus Júpiter, além disso, reconhece neles o sinal de resposta que confirmam a manifestação divina e verdadeira do fogo na cabeça de Iulo. A estrela representa o caminho que se deve seguir, isto é, o caminho de não permanecer em Troia e lutar contra os Dânaos, mas, tão somente, aquele que as divindades aprovam. Quando a estrela caiu, ela deixou um caminho de fogo em direção à floresta do monte Ida, indicando justamente o lugar em que Eneias reúne os troianos, após a fuga, e constrói a frota para, finalmente, cumprirem o destino.⁹

3. O augúrio do simulacro de Creúsa

O simulacro de Creúsa, no entanto, representa o último augúrio a se manifestar a Enéias, no Livro II, entre os versos 768-795. Iniciado por Heitor, o destino revelado a Enéias se completa e se detalha pelas palavras de sua esposa. Em sonhos, o herói Troiano recebeu a incumbência de partir de Troia e, após atravessar os mares, o dever de construir novas

⁸ A versão operacional para esses versos foi extraída do trabalho de dissertação do Prof. Felipe dos Santos Almeida, 2011.

⁹ Esse episódio é revelado no Livro III, nos versos 6-7, quando Eneias já se encontra em Cartago com a rainha Dido.

muralhas aos Penates Troianos. Porém, o lugar onde essa edificação se realizaria, até então, estava oculto.

Na fuga com Eneias, Creúsa se perde e o herói, depois de deixar a salvo os companheiros, o pai, o filho e os Penates, retorna para buscá-la. Creúsa aparece a Eneias sob a forma de uma imagem, um simulacro (*simulacrum* – v.772), para dizer da impossibilidade de segui-lo, pois esta foi a vontade dos deuses. Ela mesma apresenta ao herói o último aviso, com detalhes que ainda não foram revelados sobre o seu destino. Eneias terá um longo exílio pelo mar até chegar à Hespéria, onde escoo o rio Tibre, através de terras de rica cultura; lá o esperam uma fortuna, um reino e uma esposa real. O herói troiano, portanto, deve ficar descansado, uma vez que Creúsa não servirá de escrava aos Gregos, pois, Cibele, a grande mãe dos deuses, a reterá nas plagas Troianas.

Antes de prosseguir com o trecho que revela o último augúrio a se manifestar ao pio herói, bem como a versão linear dele, é importante esclarecer que os lugares que a esposa profetiza são terras ainda desconhecidas por ele. As aventuras e errâncias do herói em exílio por mar têm como ponto de partida o monte Ida, especificamente em Antandro, como a estrela havia apontado. Porém, com os dizeres de sua esposa, Eneias toma conhecimento da Hespéria, região que se encontra no Ocidente mediterrâneo. As etapas que compõem esse longo exílio não estão sendo detalhadas nesse momento da narrativa: o destino que a sombra de Creúsa delimita a Eneias aponta o lugar definitivo em que serão erguidas as novas muralhas aos Penates Troianos, depois de terem que passar por muitas errâncias pelos mares. Creúsa está se referindo às terras banhadas pelo Tibre Lídio nas quais – sem ter nenhum conhecimento sobre elas nem sobre os lugares que ele percorreria até alcançar essa região – o herói troiano está fadado a fundar uma nova Troia, que daria origem a mais gloriosa das cidades: Roma.

Abaixo seguem os versos estudados 776-789 correspondentes ao discurso de Creúsa direcionados a seu marido que a procura desesperado pelas ruas de Troia consumida pelo fogo:

“Quid tantum insano iuvat indulgere dolori,

776

O dulcis coniunx? Non haec sine numine divom

eveniunt; nec te hinc comitem asportare Creüsam

fas, aut ille sinit superi regnator Olympi.

Longa tibi exsilia, et vastum maris aequor arandum, 780

et terram Hesperiam venies, ubi Lydius arva

inter opima virum leni fluit agmine Thybris:

illic res laetae regnumque et regia coniunx

parta tibi. Lacrimas dilectae pelle Creüsaе.

Non ego Myrmidonum sedes Dolopumve superbas 785

aspiciam, aut Graiis servitum matribus ibo,

Dardanis, et divae Veneris nurus.

Sed me magna deum genetrix his detinet oris:

iamque vale, et nati serva communis amorem.” 789

4. Versão Operacional ou Linear (v. 776-789)

“O que tanto apraz ceder à insana dor

Ó doce esposo? Estas coisas não acontecem sem o consentimento

Dos deuses; não é permitido a ti levar daqui a companheira Creúsa

E, nem aquele senhor do superior Olimpo consentiu.

Longos exílios são para ti, a vasta planície do mar deve ser arada,

E à terra Hespéria chegarás, onde entre férteis campos dos homens

Corre o Tibre Lídio com o curso leve:

Lá, tendo sido engendrado para ti, um governo de prosperidade, um reino

E uma esposa real. Afasta as lágrimas da querida Creúsa.
Eu mesma não verei as soberbas moradas dos Mirmidões ou dos Dólopes
Ou irei como escrava para as matronas gregas,
Vinda dos Dardânios, eu, e nora da divina Vênus.
Porém, a grande mãe dos deuses¹⁰ me detém em seus litorais.
E desde já sê forte e preserva o amor do filho comum.”

5. Estudo do poema de Virgílio – Eneida, Livro II, v. 776-789

Em primeira ordem, é bom esclarecer que nesse trecho estudado o personagem-narrador continua sendo Eneias, mas os dizeres são de Creúsa que intervém na narrativa para lembrar que as ações do destino possuem um agente superior representado pela figura de Júpiter, confirmando seu aspecto de mantenedor da ordem e do destino. Portanto, a narrativa permanece marcada pelos augúrios, divinações e presságios.

No entanto, com relação às palavras, expressões e frases destacadas dentro do trecho selecionado do poema, elas servirão de meio para mostrar a precisão do vocabulário empregado pelo poeta Virgílio em que se percebe o caráter religioso do poema, assim como, o caráter augural do Livro II na composição da *Eneida*.

Iniciando o estudo pelos versos 777-778, em que Creúsa diz ao seu marido, Eneias, que tais coisas (*haec* – v.777) estão acontecendo, acontecem (*eveniunt*¹¹ – v.778) – a destruição de Tróia e o exílio por mar – por causa do assentimento, da vontade dos deuses (*numine divom*¹² – v.777), isto é, a decisão do destino do herói é obra de Júpiter, assim como a própria destruição de Troia. O termo *numine*, muitas vezes, é interpretado pela vontade dos deuses,

¹⁰ O verso faz menção a Cibele – *magna deum genetrix* –, a grande deusa da Frígia, muitas vezes chamada mãe dos Deuses, ou Grande Mãe. Cibele seria a Reia, mãe de Zeus e dos outros deuses filhos de Crono, adorada no monte Cibele, na Frígia.

¹¹ GRIMAL, Gramática Latina, §123, p.73. Verbos que exprimem a noção de eventualidade, acontecimento, daí o evento.

¹² *Divom* é a forma sincopada de *divorum* muito usada na poesia pelos poetas para auxiliar na métrica de cada hexâmetro.

mas a escolha pelo termo consentimento está ligada ao sentido etimológico que a palavra *numen* guarda, ou seja, ela deriva do verbo *nūō, is, ěre* que significa ‘fazer um sinal com a cabeça’. Portanto, o substantivo neutro *nūmen, ĩnis* expressará primeiro ‘o movimento de cabeça’, ‘o assentimento’, ‘o consentimento’, oriundo dos deuses; depois disso, encontra-se o sentido de ‘poder divino’, ‘vontade divina’, bem como, ‘divindade’, ‘deus’, ‘deusa’.

Porém, o principal termo que deve ser apontado como a confirmação desse aspecto religioso do poema é o uso do verbo deponente e defectivo *for, fāris, fāri, fātus sum*, cujo substantivo neutro derivado é *fas/nefas*¹³. Na realidade, *fas/nefas* é a síncope da expressão *fas/nefas est* que pode ocorrer com o verbo *ser* implícito. No entanto, é a partir dessa locução, por exemplo, que surgirão as formas de substantivo ‘*nefastum, ĩ*’ e a forma adjetiva ‘*nefastus, a, um*’, mantendo, desse modo, o mesmo sentido daquilo que o *nefas* quer exprimir. Do verbo *for, fāri*, ainda se origina a *fama*, que ganha força pelo seu caráter impessoal, coletivo e de repetição, e se origina o *fatum*, o destino estabelecido por uma agente sobre-humano ou divino. São exatamente esses conceitos que surgem do vocábulo assim como do contexto do fragmento do poema.

Nesse caso, Virgílio usou *nec fas (est)*, no verso 778-9, indicando ‘o que não é permitido’ ao herói Eneias conforme a lei divina ou a expressão da vontade dos deuses. Portanto, a intenção de Virgílio aqui é mostrar o motivo pelo qual a companheira Creúsa (*comitem Creüsam*, v.778) não poderá acompanhar o herói, pois, como está em seus próprios dizeres, se há um reino e uma rainha à espera de Eneias no Lácio, o destino de Creúsa é o de permanecer em Troia.

Entretanto, ela reforça essa condição dizendo-lhe que ‘e nem aquele senhor do superior Olimpo permitiu’, referindo-se ao deus Júpiter, como está descrito no verso 779 – *aut ille sinit superi regnator Olympi*. Na verdade, Virgílio demonstra claramente que quem distribui e ordena as leis, os destinos, do mesmo modo que, julga e decide sobre as ações humanas, é Júpiter, embora exista uma influência de Homero quanto à cronologia e à ordem dos deuses. Zeus, então, seria o nome do deus que habita o monte Olimpo, uma vez que a palavra *Olympi* é de origem grega, Ὀλυμπος, percebe-se nesse momento da epopeia uma clara manifestação da herança latina acerca da religião e da tradição literária grega.

¹³ Grimal, Gram. Lat., § 173, *nefas*; § 123, *fas*, p. 21.

Tendo estabelecido a condição divina a seu esposo, Creúsa prossegue em sua fala anunciando que a vontade dos deuses, descrita ao longo dos versos 780-784, reservou ao herói um lugar favorável – *laetae regnumque et regia coniunx parta tibi* –, onde Eneias edificará e reinará nas muralhas da nova Troia. Ela se refere às terras da Hespéria – *terram Hesperiam* –, nas proximidades do rio que corta o Lácio, o Tibre, expresso em seus dizeres como o Tibre Lídio – *Lydius Thybris* –, comprovando a tradição de que os etruscos foram os primeiros povos a chegarem ao Lácio, vindos da Lídia.

Virgílio não apenas criou um desfecho particular e adaptado à cultura romana do herói clássico das obras *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, mas é o responsável pelo mito fundador de Roma na literatura clássica latina.

Para finalizar o estudo dos dizeres de Creúsa, faz-se menção aos verbos *vale* e *serva*, no verso 779, como a expressão da ordem divina que subjaz no discurso profético de Creúsa. Ambos estão no modo Imperativo, na segunda pessoa do singular, orientando o herói a manter o espírito forte – *sê forte* – para as conquistas futuras e proteger – *preserva* – o filho do casal, Ascânio. É preciso elucidar que a presença de Ascânio é fundamental dentro da narrativa, pois é de Iulo que virão os Júlios (César), a linhagem *Gens Iulia*, da qual Augusto faz parte. O fato de Iulo ter transferido a capital do reino de Lavínio para Alba Longa é decisivo para a fundação de Roma. Nesse momento do augúrio do simulacro de Creúsa que se apresenta a Eneias, ela o liberta das obrigações de esposo, deixando-o o único dever de cuidar do filho comum, símbolo do caráter fértil do casal, a quem ela sugere conferir a Cibele.

Le simulacre de Créuse et la destruction de Troie à la fin du Livre II du *Énéide* de Vergile

RESUMÉ: Cet essai a le dessein de montrer le dernier augure a se manifester d'héros Énée au verset 776-789 à la fin du Livre II du *Énéide* de Vergile. Créuse, la fille du roi Priam, l'épouse de Énée, a annoncé à son mari non selleument la direction qu'il devrait prendre pour l'exil pour la mer; mais aussi, une épouse royale et um royaume fertile. Dans ces versets le poète a annoncé la destruction du Troie et le destin révélé a Énée se concrétisé et se détaille par les dires de Créuse. La proposition de l'étude du simulacre de Créuse est constituée pour une contextualisation des augures et pour une version linéaire des versets sélectionnés.

Mots-clé: épopée; augure; destin; héros; Vergile.

Referências

ALMEIDA, F. S. *O augúrio no Livro II da Eneida: a destruição de Troia*. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas: Estudos Clássicos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

CART A., GRIMAL P., LAMAISSON J., NOIVILLE R. *Gramática Latina* – tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. T. A. Queiroz Editor: Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* – tradução de Victor Jabouille. 6ª edição. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2011.

MARQUES, Milton. *Dicionário da Eneida de Virgílio. Livro II: Narrativa de Enéias – A destruição de Tróia*. Idea: João Pessoa, 2011.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da Mitologia Latina*. Ed. Cultrix. São Paulo, 2004.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. 2ª edição. Gráficos Reunidos Ltda. Porto, 1942.

VERGIL. *Bucolics, Aeneid, and Georgics Of Vergil*. J. B. Greenough. Boston. Ginn & Co. 1900.

VIRGILE. *Énéide*; texte établi et traduit par Jacques Perret. Quatrième tirage de l'édition revue et corrigée par R. Lesueur. Société d'Édition "Les Belles Lettres". Paris, 2009 (3 vol.).

Data de envio: 22 de outubro de 2013.

Data de aprovação: 15 de fevereiro de 2014.

Data de publicação: 2 de abril de 2014.